



O DESPERTAR

BOLETIM RELIGIOSO DA IGREJA LUSITANA

Director — L. DE FIGUEIREDO

Redactores — A. FERREIRA ARBIOL — SAUL DE SOUSA

Redactor correspondente no Brasil — OCTACÍLIO M. DA COSTA

Redacção — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Administração — F. V. D' OLIVEIRA — Rua do 1.º de Maio, 54, 2.º — V. N. de Gaia

Composição e impressão : Empresa Técnica de Tipografia, Lda. — Vila Franca de Xira

MENSAGEM EPISCOPAL

A Plenitude do Espírito

A Igreja Lusitana é profundamente pentecostal, não nos cansemos de o repetir.

Seguindo o costume primitivo, ninguém é recebido à plena comunhão da Igreja, sem estar confirmado ou pronto e desejoso de o ser. Ora a Confirmação ou a Imposição das mãos do Sucessor dos Apóstolos é o sinal visível da plenitude do Espírito Santo (At. caps. 8 e 10).

Esta plenitude, porém, não se traduz, necessariamente, por manifestações carismáticas ou por emoções profundas, mas sim pela possibilidade que tem de ser usada e, deste modo, experimentada em todas as actividades da vida, sem distinção. Isto é, ela manifesta-se na medida em que o confirmado (e portanto «baptizado com o Espírito Santo») guiado pelo Consolador, cumpre a vontade de Deus em actos de devoção, de testemunho e de caridade.

Há um aspecto da plenitude do Espírito Santo que é bastante esquecido e que desejávamos recordar. Em geral, pensa-se no Espírito Santo como dado apenas para nosso conforto e prazer espiritual; note-se, porém, como Nosso Senhor se expressa a este respeito. Disse Ele à samaritana: «Aquele que beber da água que Eu lhe der, far-se-á nele uma fonte de água que salte para a vida Eterna» (João 4. 14). E de outra vez, na Festa dos Tabernáculos, clamou: «Aquele que crer em Mim... rios de água viva correrão do seu seio» (João 7. 37-39); e S. João acrescenta: «Isto dizia Ele do Espírito Santo que havia de ser dado».

E' verdade que o Apóstolo nos manda encher do Espírito Santo, mas não é para guardarmos, avaros e egoístas, as riquezas que Ele nos traz. Deus não nos destina para **cisternas**, mas sim para **canais de bênção**.

Cuidemos, pois, de nos mantermos bem desobstruídos do medo ou respeitos humanos, do egoísmo, do orgulho, da avariza, do pecado, enfim. Para que o Espírito Santo dado no Pentecostes à Igreja e conferido na Sua plenitude a cada um de nós, na Confirmação, vá, por intermédio das nossas palavras e obras, dessedentar aqueles, que à nossa volta, perecem sem convicção, sem ânimo, sem sentido de vida... numa palavra — **sem Cristo**.

Luis C. Rodrigues Pereira

EDITORIAL

Atravessamos um século histórico para a Igreja Católica. Temos de pensar em toda a Igreja Universal e não restritamente na Romana, na Protestante, ou na Ortodoxa. A missão sacrossanta em proclamar o Cristo ressuscitado, Redentor do Mundo, afirma-se cada vez mais clara e definida, depois de 2.000 anos de lutas e incompreensões.

Os homens, no drama da sua vida, na labuta desesperada do pão ganho com o suor do rosto, olham para a Igreja com receio e fé, com ódio e esperança, conforme os seus sentimentos e aspirações.

Perante uma multiplicidade de concepções desencontradas, dum Mundo que procura caminho para se encontrar a si próprio, a Igreja numa atitude serena de compreensão, começa a surgir como condutora e mentora dos povos.

Mesmo assim ainda dividida, separação que é um índice da estreiteza mental e espiritual do homem, a Igreja, que deveria reunir por direito divino, no mesmo altar, ortodoxos, católico — romanos e protestantes, pois o altar está acima da mesquinhez, em que se têm debatido, e procura testemunhar, numa unidade que se está evidenciando, a presença de Deus, do Deus criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis, a Salvação mediante Seu Filho Jesus Cristo e o poder do Espírito Santo.

Não é momento para críticas, rancores, desconfianças, ambições e amor próprio. Há uma continuidade histórica, uma herança comum, um objectivo sagrado que é a força que une os esforços dos que sinceramente em todos os sectores combatem pela Fé, uma vez dada aos Santos. Esses pontos tradicionais e históricos são indestrutíveis e estão visivelmente incrustados em todas as «igrejas»

(Continua na pág. 11)

NOTAS E COMENTÁRIOS

Pacem in Terram

É extraordinária esta encíclica do Papa João XXIII. O chefe da Igreja Romana fala aos seus fiéis e também àqueles outros de boa-vontade que pertencem a diferentes grupos cristãos e não cristãos. Todos habitam este Mundo. Todos vivem e sofrem, e Deus os criou. O «Filho Pródigo» esse voltou para casa do pai. Igualmente esses outros que vagueiam no Mundo não estão completamente perdidos. Têm em si a força da reconciliação, e tantas vezes ouvem a voz que os chama. Esta é a verdade, cuja claridade transparente só é ofuscada pela intolerância e pelo fanatismo. João XXIII dirige-se a todos. E de que maneira! É preciso reconhecê-lo, nós próprios, evangélicos protestantes, que sentimos que o Papa não pode ter autoridade absoluta sobre o Mundo cristão, nem o consideramos, de modo algum, infalível, nem como representante «espiritual» de Cristo; mas o vemos como varão justo e santo da Igreja Universal, e instrumento de Deus para uma melhor harmonia dentro da Sua Igreja.

Esta encíclica deve ser lida e meditada por quantos se interessem pela Ordem entre os seres humanos, pelas relações entre os seres humanos e os poderes públicos, pelas relações entre as comunidades políticas e a comunidade mundial, que são outros tantos capítulos deste excepcional e profundo trabalho, numa finalidade sacrossanta de reconstrução duma sociedade que em muitos lados se está negando a si própria.

Liturgia da Eucaristia

Acaba de sair uma edição autorizada pelo Sínodo da Igreja Lusitana, da Liturgia da Eucaristia, para uso experimental. Isto é, a proposta da remodelação da liturgia da Ceia do Senhor apresentada por uma comissão para esse efeito eleita pelo Sínodo, vai ser estudada, experimentada, usada em várias congregações, e depois discutida para se resolver no todo e em pormenor a sua oficialização. É necessário que o clero e o povo se manifestem. As colunas do «Despertar» certamente aceitarão os pontos de vista dos membros da Igreja sobre assunto tão importante para a nossa Igreja. A forma litúrgica do acto central de toda a adoração — A Eucaristia — não deve ser aprovada de ânimo leve mas sim seriamente meditada.

A nossa opinião é que de facto se simplifica, se resolvem certos pontos que historicamente não se coadunavam com a melhor tradição, se melhorou a ordem do serviço e se enriqueceu com alguns elementos das antigas liturgias bracarense e mossárabe, liturgias que pertenceram às Igrejas independentes da Península Ibérica, muito antes da jurisdição romana as dominar.

Esperemos pois que o povo siga o uso experimental desta liturgia com interesse e atenção, procurando criticá-la e contribuir com as suas sugestões para a sua forma definitiva.

Paulo Agostinho

Batendo na Mesma Tecla

Uma Igreja que pretende interpretar a religiosidade dum povo que tem tradições, sentido cultural e elites que aspiram a uma melhor concepção espiritual da vida, que só a directriz reformista do século XVI lhe poderá dar, tem de ter uma noção objectiva das realidades presentes. É pouco, se estiver absorvida em crescer em número, num proselitismo vazio de sentido.

O nosso povo é cristão ainda que eivado de males profundos, ignorância, superstição, credence e fanatismo, que invadem e abafam a Fé. Por conseguinte, o que a Igreja Reformada tem de lhes oferecer é, sem dúvida, algo de melhor em todo o seu conjunto, em todos os seus aspectos: Superioridade de doutrina e de meios. Maioridade religiosa em espírito e verdade. Evitar cair nos mesmos erros que queremos combater. Apresentar um programa cultural, educativo e doutrinal bem definido, elevado e realista.

Naturalmente o protestantismo tão dividido na nossa Terra e em atitudes fechadas de partidarismo sectário, a que o conduziu um missionarismo mal adaptado ao problema português, não pôde esboçar satisfatoriamente, em 100 anos de história, o objectivo a realizar, isto é, uma Igreja Reformada impondo-se pela sua personalidade, pela sua acção total, pela valorização da sua atitude, da sua obra.

Isto só se poderia ter dado numa acção de conjunto, cedendo todos numa compreensão da sua missão sacrossanta e unindo-se numa acção total em unidade de princípios e meios, ainda que satisfeitas as particularidades de alguns, o que certamente seria de respeitar.

Continuamos a bater na mesma tecla? De facto é. Mas o seu som não pode cansar porque é verdadeiro. Assim o oigam e o reconheçam os que têm a responsabilidade do evangelismo na nossa Pátria.

«Pagador de Promessas»

Apareceu ultimamente nas telas dos cinemas, com vários prémios, palmas e louros, um filme brasileiro com o título acima. É o retrato fiel dum Mundo atrasado e inculto, em que se vive ainda no século XX.

E ninguém escapa a uma dissecação anatómica. O povo, a Igreja, e a autoridade.

O povo que se mostra primitivo em seus conceitos religiosos. A Igreja dominante que não faz muito para elevar e espiritualizar a crença e a Fé desse povo. A autoridade que se deixa levar pela intriga política, sem ter investigado a natureza real dos factos, a inocuidade duma atitude simples, natural, pacífica.

Salvou-se o pobre homem. Queria cumprir a promessa a uma santa pela cura efectuada no seu burro, do seu amigo que o ajudava a viver. Gratidão, sinceridade, carácter. Simplicidade primitiva também, é certo, mas duma nobreza que excede, de longe, os que se riam da sua atitude. E

todo o seu erro no poder miraculoso da santa da sua terra, toda a sua idolatria chocante que, no fundo, chocou também o prior, sem dúvida perturbado pela superstição e credence do seu povo, tinha sido ensinado pela Igreja que mantem no seu culto toda essa prática de promessas e senhoras aparecidas.

De toda esta incoerência resulta a confusão do pobre homem que não pode compreender as subtilidades dos seus padres que o querem fazer aceitar o erro supersticioso em que havia caído. Mas como? A santa era a santa da sua terra, tão boa como as outras. O seu burro era o seu companheiro. Parte das suas terras tinha dado a um seu próximo que nada tinha. Quando lhe falam da reforma agrária, que sabia ele disso politicamente falando? Mas quando disse que isso era justo e bom, logo é tomado como agitador perigoso pela autoridade.

Pobre homem, vítima da maldade duma sociedade materialista e vã! Todos pareciam querer ajudá-lo !!! Mas cada vez o confundiam mais. E assim o conduziram a uma situação em que foi morto e crucificado na própria cruz que havia conduzido como promessa, até à igreja matriz. E só crucificado entrou naquela igreja. O prior o havia proibido antes, porque a promessa tinha sido feita a uma imagem não reconhecida! E era só este o mal aos olhos daquele sacerdote!

Todo o equívoco da situação é bem patente e constitui uma lição para os que quiserem ver e ouvir. Aqueles que tiverem olhos e ouvidos, ainda em estado de saúde e não doentes!

COMISSÃO INTERECLESIASTICA PORTUGUESA

Por iniciativa desta comissão, realizou-se no dia 6 de Maio numa das salas da Catedral de S. Paulo, uma reunião em que estiveram presentes diferentes delegados de várias denominações.

Encontrava-se presente igualmente o dr. Garfield Williams.

Esta reunião era destinada a interessar as várias Igrejas em iniciativas pan-ecuménicas, isto é, dentro dum sentido de compreensão universal da Igreja de Cristo, mas sem depender directamente do Conselho Mundial das Igrejas. Não se pode prejudicar o trabalho de cooperação entre todos, porque alguns não aceitam os moldes em que o C. M. I. trabalha. Temos de respeitar certos restringimentos e oferecer a estes núcleos, porém ávidos de cooperar ecuménicamente, outros climas mais acessíveis e mais limitados.

Deu-se conhecimento da conferência das Igrejas Latinas a realizar em Leysin, Suíça, em Outubro de 1963 (5 a 10 de Outubro.) e de que foram dados a Portugal 12 lugares de representação a dividir pelas Igrejas: **Presbiteriana, Metodista, Lusitana, Baptistas**, e outra qualquer Igreja mais, que assim o deseje.

Também se falou da conferência de todas as Igrejas Protestantes da Europa a realizar em Nybag Strand, Dinamarca, no próximo ano de 1964, e em que será necessário que Portugal, nos seus vários aspectos denominacionais, se faça representar.

O PENTECOSTES E A IGREJA

Rev. Saul de Sousa

O Pentecostes era uma das três maiores festas dos hebreus que, pela sua importância histórico-religiosa, atraía anualmente a Jerusalém milhares de peregrinos. Era também conhecido por «Festa do Quinquagésimo Dia», «Festa das Semanas», e «Festa das Primícias». A primeira designação em referência aos dias, a segunda em referência às semanas (50 dias ou 7 semanas, respectivamente, após a Páscoa), e a terceira porque nesse dia os israelitas consagravam ao Senhor as primícias dos frutos da terra e os primogénitos dos seus animais (Ex. 34. 22). Posteriormente, a tradição rabínica assinalou o dia de Pentecostes como data comemorativa do aniversário da entrega da Lei a Moisés, no monte Sinai.

Foi há cerca de 2000 anos, quando então se comemorava o Pentecostes, que o Espírito Santo foi derramado sobre a Igreja. A partir dessa data a Festa do Pentecostes passou a ter um novo significado para os cristãos: o aniversário da descida do Espírito Santo. O Pentecostes cristão assinala, de modo indelével, não a entrega da Lei, propriamente dita, mas o poder para viver segundo o Espírito de Cristo; não a entrega das primícias de frutos e de animais, mas de almas convertidas (At. 2. 41), que são o penhor da grande colheita final.

Quais são as consequências imediatas e mediatas do Pentecostes? Elas se nos apresentam em toda a sua evidência e clareza: os Apóstolos, antes abatidos e medrosos, tornam-se em testemunhas audazes do Cristo ressurrecto; as línguas que pela virtude do Espírito Santo falam, e que são entendidas pelos forasteiros de diversos países presentes em Jerusalém por ocasião da Festa, são como que um penhor e promessa da universalidade da Igreja; os cristãos são divinamente colocados sob a dependência e dispensação do Espírito Santo; o poder do Espírito manifesta-se na conversão e santificação dos seguidores de Cristo.

Jesus havia dito: «Recebereis o poder do Espírito Santo, que há-de vir sobre vós, e ser-me-eis

testemunhas». ... Sobre este poder quisera eu dizer alguma coisa. Podemos ter ideias diferentes do que é este poder; mas o que interessa sobretudo, creio eu, não é uma definição dogmática ou teológica mas o próprio poder. O que interessa é que o poder veio e está à disposição de todo aquele que crê. O que interessa são os efeitos, os frutos do Espírito (Gál. 5. 22). E «os frutos do Espírito são» — como bem diz Sheleimaker — «as virtudes de Cristo». O Espírito testemunha de Cristo (João 15. 26). Por que continuar discutindo sobre o poder da Pessoa do Espírito Santo? Há milhões de pessoas que se utilizam da electricidade muito embora não se saiba em absoluto o que é a electricidade. O Espírito Santo é um mistério. Mas Deus quer que nos utilizemos deste mistério. O Espírito Santo é dado aos crentes. Não é monopólio dum grupo restrito, seita ou escola teológica. Na medida em que nos submetemos a Deus, na medida em que nos esvasiarmos de nós mesmos, o Espírito operará. E isto é tão importante em seus resultados que pode dizer-se, com certeza: ou a Igreja vive na dependência do Espírito, ou simplesmente vegeta. O Espírito Santo é a sua razão de ser. Em face disto, não podemos evitar uma pergunta, angustiosa pergunta, na verdade, à qual devemos também responder com toda a sinceridade: Estamos nós vivendo na dependência do Espírito, ou seguindo os nossos próprios caminhos?

«Se o cristianismo espera conquistar o Mundo» — diz o dr. Euken — «precisa de, por um lado, voltar à sua origem e, por outro aplicar-se, em círculos concêntricos, cada vez mais envolventes, aos problemas do Mundo moderno». Note-se a ordem: primeiro voltar à origem do cristianismo; depois, ir perante o Mundo. Todos estamos de acordo em que devemos testemunhar a nossa Fé perante o Mundo. Mas fazê-lo sem antes estarmos possuídos do poder do Pentecostes, é seguir caminho errado. Que autoridade temos nós, os cristãos, perante um Mundo que anseia por unidade, e caminha nessa direcção, de falar-

mos em «reconciliação» quando lhe apresentamos o triste espectáculo das nossas divisões eclesiológicas? E nenhum dos ramos da cristandade desde o católico-romano ao quacre está isento desta praga, isto é, todos e cada um somos culpáveis por este estado de coisas. Os que causam divisões ou as sustentam — diz a Palavra de Deus — não têm o Espírito (Judas 19). No Pentecostes estavam todos unidos. Por isso o Espírito se manifestou. Sem unidade, absolutamente, não pode haver verdadeira manifestação do Espírito, e, sem Ele, não há poder. Podemos falar muito do Espírito Santo. Podemos até falar «as línguas dos homens e as dos anjos»; mas se não tivermos caridade... (1 Cor. 13). Portanto, não entristecemos o Espírito (Ef. 4. 30). Não extingamos o Espírito (1 Tess. 5. 19).

Sem o Espírito não há vida. Quando o sacerdote-profeta, Ezequiel, junto ao rio Quebar, na Babilónia, teve a visão dos ossos secos (Ez. 37), por mandado de Deus e à voz do profeta os ossos se agruparam por sua ordem; seguiram-se os nervos, a carne, e por fim a pele. Mas não havia vida. Anatómica e fisicamente falando eram seres perfeitos, mas só se levantaram pelos seus pés, formando um exército grande em extremo, só tiveram vida, quando o Espírito veio sobre eles. Não subestimamos o valor da organização e seus derivados. Mas a Igreja não é apenas uma organização, é, além disso, um organismo. E, para que seja um organismo vivo, carece, imprescindivelmente, do poder do Espírito Santo. Sem isso seremos como aqueles automóveis de que nos fala Billy Graham num dos seus maravilhosos sermões, «muito bonitos e bem acabados, mas sem gasolina nos depósitos»...

Em seu livro «O Cristo de todos os Caminhos», referindo-se ao Pentecostes, diz-nos assim Stanley Jones: «Não vejo nada, absolutamente nada, que possa tirar a Igreja detrás das portas trancadas senão um Pentecostes. Podeis aumentar a beleza do seu ritual; melhorar a qualidade e a quantidade da sua educação religiosa; elevar o padrão e as qualificações do seu ministério ao mais alto grau, despejar dinheiro a mancheias nos seus gazofilácios; dar-lhe, enfim tudo, tudo menos esta única coisa

(Continua na pág. 10)

Antologia Devocional

Publicações recebidas

CUIDAM OS HOMENS...

Cuidam os homens que padecer trabalhos é grande miséria, e abundar em riquezas, honras e prazeres é grande felicidade. Por isso evitam o mais que podem tudo quanto lhes cheira a sofrimento, e procuram por todas as vias o que lhes promete estima e regalo. Há nisto ignorância manifesta, porque o homem nesta vida não nasce para descansar, senão para trabalhar. Quem busca aqui o descanso e receia o trabalho, expõe-se ao perigo de condenar a sua alma e perder o descanso eterno. Além de que, Jesus Cristo que é o caminho da nossa salvação, não escolheu para si a abundância, senão a pobreza; não a estima, mas o desprezo; não o prazer, mas a dor, e quanto mais ama uma alma, mais reparte com ela da sua cruz, para torná-la semelhante a si.

Cuidam os homens que desagravarem-se das injúrias é honroso, e dissimular e perdoar, por amor de Deus, coisa infamante. Mas é ignorância abominável, porque o vingar-se é vício; o perdoar virtude. e não pode haver vício que traga honra, nem virtude que grangeie infâmia. É acção mais heroica vencer-se cada um a si mesmo, do que vencer os outros; quem se vinga, vence os outros; quem perdoa, vence-se a si mesmo. Se o desagrarar-se fora melhor que o perdoar, Jesus Cristo que nos manda perdoar e proíbe a vingança preceituaria o que é mau e proibiria o melhor.

Cuidam os homens que, guardando alguns mandamentos da lei de Deus, embora os não guardem todos, facilmente se hão-de salvar: uma vez que não roubem, nem matem, nem levantem falsos testemunhos, merecem ser bem conceituados. É ignorância crassa, porque tanto perde a graça e a glória de Deus quem falta uma só vez, em matéria grave, a qualquer mandamento, como quem os viola todos muitas vezes. Portanto só tem boa conduta aquele que faz a vontade a Deus e está na sua graça.

Pe. Manuel Bernardes (Século XVII)

A CRISTO NA CRUZ

*O bem que a tantos bens me convidava,
O qual desmereci, vós merecestes
Que a vida que por meu amor perdestes,
A vida me alcançou que eu desejava.*

*O mal que a tantos males me obrigava,
O qual não satisfiz, satisfizestes,
Que a morte que por meu amor sofrestes,
Da morte me livrou, que eu receava.*

*A vós Deus amoroso, a vós só amo,
De vós pratico, só, de vós escrevo,
Por vós a vida dou, e a morte quero.*

*Em vós fogo de amor, em vós me inflamo,
Pois que pago por vós o mal que devo,
E mereço por vós, o bem que espero.*

Pe. Baltazar Estação (Século XVII)

MÚSICA SACRA EVANGÉLICA NO BRASIL — (Contribuição à sua história) — Henriqueta Rosa Fernandes -- Livraria Kosmos Edt. : — Rio de Janeiro 1961.

A sua autora é já conhecida em Portugal, mercê dos seus excelentes trabalhos sobre música, principalmente o seu minucioso estudo sobre os corais de Bach que serviu de tese para o seu doutoramento. Cultivadora entusiasta da arte dos sons tem dedicado a sua vida a um melhor conhecimento da música protestante usada em terras do Brasil. O trabalho que consideramos hoje, é duma meticulosidade impressionante. Não há pormenor esquecido, tão completa é a sua informação. Presente-se a preocupação louvável de ligar a história da música sacra às diferentes tradições de cada denominação. E através da hinologia faz-se a história do protestantismo brasileiro.

A contribuição de Portugal sente-se aqui e ali em rápidas citações dos nossos poetas hinólogos e que pela força das circunstâncias adaptaram as suas letras às músicas de autores não portugueses ou não brasileiros. Sobre contribuição musical portuguesa, não encontramos referência alguma.

É pena que entre Portugal e o Brasil não tenha havido até ao presente uma maior colaboração no que diz respeito principalmente à música dos nossos hinos, pois isso enriqueceria a literatura musical sacra evangélica dos dois Países. E Portugal e Brasil possuem um traço comum que seria importantíssimo não perder. Todavia há música portuguesa composta nestes últimos decénios, constante de cantatas, antifonas, hinos e música essencialmente litúrgica que poderia já ter sido conhecida no Brasil, se uma maior colaboração entre músicos brasileiros e portugueses tivesse havido.

Tem-se também deixado a orientação da nossa hinologia e da restante música sacra nas mãos (íamos a escrever, exclusiva) de ministros e poetas, arreigados aos usos do protestantismo dos países de origem e cuja educação musical não é o suficiente para poder distinguir a força extraordinária que produz sobre o povo, uma música que traduza melhor os seus sentimentos em ligação com as suas tradições. Se assim não fora, ter-se-ia insistido em procurar a colaboração de músicos nacionais. E certamente os teriam encontrado, evangélicos e não evangélicos mas que não deixariam de cooperar.

Temos procurado defender o uso da música indígena e combater a pecha da adaptação de toda a nossa poesia sacra, hinográfica e litúrgica, à música estrangeira, num servilismo que faz tremer as pedras. Facto para exemplo: cantava-se numa igreja o hino da J. E. P. com letra dum hinólogo brasileiro e música dum autor português. Um dos pastores presentes accorre prestes a perguntar-nos, qual a música estrangeira tão feliz que se tinha adaptado à letra em questão! (Sic).

Este livro vem fazer acordar a importância que tem a música no evangelismo dos nossos povos. Escrito com amor, com entusiasmo e verdadeiro sentido do valor da música, revelador duma alma de artista, constitui de facto uma obra que vem

preencher uma lacuna na literatura evangélica, de língua portuguesa, de precioso conteúdo histórico, cultural e educativo.

«... «EU VOS DIGO:» — John A. Mackay. Tradução de Jorge César Mota. Edição de Jorge César Mota e Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal. 1963.

John Mackay, professor da Universidade de Princeton, é um teólogo profundo, humanista e historiador. O seu livro é um rico manual de conceitos sobre os ensinamentos das parábolas de Jesus. «Eu vos digo» é um livro de análise da doutrina de Cristo e procura evidenciar o Seu poder nas almas que sofrem e procuram a verdade e a luz. Escritor clássico, John Mackay, distingue-se pela clareza e precisão com que expõe os assuntos.

Tradução excelente de Jorge César Mota a quem já nos habituámos a considerar como um sério valor literário e pensador cristão do evangelismo luso-brasileiro.

«CARTA A UM CATÓLICO ROMANO»

— João Wesley. Edição do Sínodo da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa. Porto. 1963.

João Wesley, foi um renovador da Igreja. Urgia no século XVIII chamar a atenção do mundo cristão para a fé viva e verdadeira que remove montanhas e transforma o coração do homem, indicando-lhe o rumo da santificação.

Numa das Igrejas Episcopais da 5.ª Avenida de Nova York, a figura de João Wesley está esculpida na parede frontal do presbitério, entre outros varões ilustres da Igreja Anglicana. E por quê entre estes varões, perguntámos nós? Porque João Wesley nunca se havia desligado da Igreja Anglicana. Não queria abrir uma cisão. As coisas é que depois se precipitaram por mau tacto entre os responsáveis da Igreja Anglicana. E foi pena. As divisões são sempre nefastas para a Obra. Felizmente que em Inglaterra presentemente tudo se faz para reparar o mal passado e congraçar as duas Igrejas num sentido de respeito mútuo e unidade frutificante.

Podemos apreciar nesta carta a um católico romano, a forma inteligente e bondosa com que o autor se dirige ao seu antagonista. Expõe com sabedoria e piedade cristã a doutrina de Cristo, pondo de lado pontos de vista particulares e desentendimentos antigos.

Esta carta deve ser lida e meditada não só pelos católicos romanos aos quais se dirige, mas também por muitos evangélicos que ainda não sabem discutir com Roma, sem mostrar azedume e lembranças de malquerenças passadas. Sofremos, é certo, no passado muitíssimo com a intolerância de Roma. Sofremos ainda. O Espírito de um João XXIII infelizmente não está generalizado, mas existe num grau crescente. E nós, da nossa parte, temos de fazer o possível para agirmos sempre dentro dum sentimento cristão, não fingido.

João Wesley era um desses entes extraordinários que vêm além do comum dos homens. Pregou o Amor de Cristo. Pregou a Fé Viva em Deus. Ensinou. Soube falar com todos os seus antagonistas. Esta carta é uma prova evidente do seu facto, da sua sabedoria, da compreensão das diferentes situações em que o homem combate, esse homem que é nosso irmão, que é filho dum mesmo Deus.

MENSAGEM DOS PRESIDENTES DO CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS

«CREATOR SPIRIT»

«E quando Jesus abriu o livro achou o lugar em que estava escrito: o Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres»... (Luc. 4. 17, 18).

Jesus disse: «Quando aquele Espírito de verdade vier, Ele vos guiará em toda a verdade... Ele me glorificará, porque há-de receber do que é meu, e vo-lo há-de anunciar» (João 16. 13, 14).

Assim o ministério terreno de Jesus Cristo começa e acaba com o Espírito Santo, **na presença do qual Ele continuamente viveu.** Começa com o anúncio da grande nova: hoje é cumprida a profecia do Velho Testamento, e o Reino de Deus é revelado. Termina com uma promessa, a certeza de novos triunfos do Espírito: os Seus discípulos não deverão entristecer-se com a Sua ausência corporal, porque a vinda do Espírito será o meio pelo qual o conhecimento e o amor de Deus cresce e se aprofunda entre os homens, ano após ano, século após século. No Pentecostes recordamos o primeiro cumprimento daquela promessa e experimentamos «o poder do século vindouro».

E eis aqui um teste para as nossas igrejas de hoje. Começaremos e acabaremos com o Espírito Santo? Em toda a parte os cristãos estão de acordo a este respeito: ser cristão é ter **recebido** o Espírito Santo; ser a Igreja é, desde o primeiro Pentecostes, estar cheio do Espírito Santo. Pode verdadeiramente dizer-se que os membros de Cristo nunca têm deixado de «pregar o Evangelho aos pobres... de curar os quebrantados de coração, de apregoar a liberdade aos cativos... de proclamar o ano aceitável do Senhor». Mas isto não pode ser dito indiferente, complacentemente. Quantas oportunidades para serviço e testemunho cristãos permanecem, perante nós, inexploradas, não por mera carência de pessoas ou de recursos, mas fundamentalmente porque não queremos «andar no Espírito» ou exercitar os dons que

todos havemos recebido! Queremos, do mesmo modo, ir até ao fim com o Espírito Santo? Isto significa franqueza, olhar em frente. Fala-se agora bastante, e com muita esperança, da unidade cristã; e o que dantes era o alvo de alguns, torna-se no presente a meta de todos. Mas **unidade no Espírito Santo** exigirá, sem dúvida, sacrifícios, ao aventurarmos-nos por novas varedas, escolhidas não por nós mas por Ele. A tentação das nossas igrejas (e perante a qual muitas vezes cedemos) é tornarmos-nos saudosos dos primeiros séculos da nossa era, ou até dos séculos XII ou XVI — ou ainda dos primeiros cinquenta anos do Movimento Ecuménico! S. Paulo nos adverte a deixarmos as coisas que ficam para trás, e a avançarmos para o alvo da nossa vocação. Talvez ele assim o fizesse, por saber que até mesmo aos cristãos acontece perder o ânimo. Mas é grave não prosseguir, porque isso significa a própria negação da fé no Espírito Santo, o qual caminha sempre à nossa frente, ansioso por mostrar-nos de novo as coisas de Cristo.

Hoje em dia tememos muitas vezes pelos verdadeiros alicerces da doutrina e comportamento cristãos, tememos pelas nossas igrejas e por suas posições nas diferentes comunidades. Mas, pelo menos, não necessitamos temer pelo Espírito de Deus, que nunca falha nem envelhece. Neste Pentecostes nós vos incitamos assim como a nós próprios, a não temermos mas a confiarmos n'Ele, a quem juntos temos recebido e através do qual prestamos culto: amor no trabalho, fonte da verdade, o Senhor e dador da Vida.

Os Presidentes do Conselho Mundial de Igrejas:

(Arcebispo) Michael Cantuar — Londres
(Arcebispo) Iakovos — Nova Iorque
(Sir) Francis Ibiyam — Enugu
(Principal) David G. Moses — Nagpur
(Presidente) Martini Niemoller — Wiesbaden

J. H. Oldham — St. Leonards-on-Sea
Charles Parlin — Nova Iorque

Lição de uma visita

O bispo Pereira partiu em Abril para as terras de Santa Cruz numa visita cordial aos nossos irmãos da Igreja Episcopal Brasileira.

O Brasil, temo-lo aqui proclamado com uma convicção inabalável, usando a mesma língua, tendo uma herança comum, é evidentemente um aliado que não podemos esquecer, na evangelização do povo português. Falamos dos problemas que cá como lá afloram e das suas soluções idênticas. Falamos duma literatura cuja riqueza se pode completar pelo esforço dos dois Países. Falamos de ajuda mútua, de troca de pregadores, de reavivamentos especiais comuns, etc., etc., de tantos outros elementos importantes no crescimento da Igreja e que se podem valorizar numa ligação mais profunda entre as duas Igrejas.

O bispo Pereira leva no seu coração a alma portuguesa, vibrante de entusiasmo e de carinho pelos seus irmãos brasileiros. No Brasil, estamos certos, será recebido com a mesma amizade, plena de saudosismo. As nossas duas Pátrias, entre amúos e querelas familiares, evoluem num sentido convergente natural de acção.

No caso particular da Igreja Portuguesa e Brasileira, se não tivermos em consideração este fatalismo histórico que é ao mesmo tempo glorioso e benéfico para os oitenta milhões que no Mundo falam a língua portuguesa, certamente perderíamos um tempo precioso e cometeríamos um erro tremendo.

Não há oceano, não pode haver obstáculo qualquer, quer seja físico ou espiritual, que separe o esforço comum das nossas duas Igrejas. Assim o esperamos.

Que a visita do nosso bispo a terras de Vera Cruz seja muito abençoada.



Igreja da Ressurreição em Brasília

Dedicação do Templo da Igreja

E' digno dos maiores louvores o revd.^{mo} D. Edmund K. Sherrill, bem como os altos dignitários da Igreja Mãe, pela grande iniciativa de construir o belíssimo templo da Igreja da Ressurreição em Brasília. Se não fosse a dedicação e consagração do nosso Diocesano, orientado e auxiliado por Deus, não seria possível construir o mencionado templo. Merecem também louvores o ministro em Brasília rev. Saulo Marques da Silva e todos aqueles que colaboraram para o erguimento da Igreja da Ressurreição. O dito templo é todo composto em linhas rectas de concreto, com sua alvenaria à vista, com seu altar de mármore branco, simbolizando a Ressurreição de Cristo. A pia baptismal também de mármore branco, oferecida pela Igreja Lusitana, significa a vida eterna que se inicia com o baptismo. O templo Episcopal de Brasília é um mixto de respeito, bem estar e convite à adoração a Deus.

EM BR

Solenidades

No terceiro Domingo da Páscoa, 5 de Maio do corrente ano, às 8.30 horas, houve solene celebração da SS. Eucaristia, sendo celebrante o revd.^{mo} D. Plínio Lauer Simões, bispo da Diocese do Brasil Sul Ocidental.

Às 10 horas, Ofício de Dedicação, sendo oficiante o

revd.^{mo} D. Edmund K. Sherrill, bispo da Diocese do Brasil Central, coadjuvado pelos revs. Saulo Marques da Silva, Mário Olmos e Octacílio M. da Costa. Encontravam-se, devidamente parmentados no presbitério da dita igreja, os revd.^{mos} D. Thomas Wrigth, bispo da Diocese de East

Caroline, dos Estados Unidos; D. Luís C. Rodrigues Pereira, bispo da Igreja Lusitana; D. Plínio Lauer Simões, bispo da Diocese do Brasil Sul-Meridional; rev. dr. José Del Nero, pároco da igreja da SS. Trindade em S. Paulo; rev. Nadir Matos, ministro em Porto Ale-



O revd.^{mo} bispo D. Luís Pereira no Brasil, rev. dr. (

ja Episcopal da Ressurreição

ASÍLIA

gre - RGS; rev. Redolfo Garcia Nogueira, pároco da igreja de S. Paulo Apóstolo, na GB; rev. Redolfo Rasmussen, pároco da igreja da Transfiguração, na GB. O mestre de cerimónias foi o rev. G. Vergara dos Santos, secretário-executivo da Diocese do Brasil Central. Os revd.^{mos} D. Edmund K. Sherril, rev. Saulo Marques da Silva e todos os que trabalharam pela construção do templo em Brasília foram

saudados pelo revd.^{mo} D. Thomas Wright, na qualidade de representante do bispo Presidente da Igreja Episcopal nos Estados Unidos — revd.^{mo} D. Arthur Lichetberg e do revd.^{mo} D. Bentley, Presidente do Departamento de Além - Mar da referida Igreja, e pelo

revd.^{mo} D. Luís C. Rodrigues Pereira, bispo da Igreja Lusitana, em nome dos episcopalianos portugueses. No Ofício de Dedicção, foi orador-oficial o revd.^{mo} D. Egmont Machado Kruschke, bispo da Diocese do Brasil Meridional.

Encerramento

Às 19.30 horas, houve uma audição de obras de João Sebastião Bach, ao órgão, executada pelo rev. dr. José Del Nero.

As 20.30 horas, com o templo da igreja da Ressurreição repleto de fiéis, autoridades e representantes da imprensa, foi realizado o Ofício de encerramento, presidido pelo revd.^{mo} D. Edmund K. Sherril, acolitado pelo venerável arcebispo G. Vergara dos Santos e rev. Saulo Marques da Silva. A sacra-tribuna foi ocupada pelo revd.^{mo} D. Luís C. Rodrigues Pereira, da Igreja Lusitana, convidado oficialmente pela Igreja Episcopal Brasileira a fim de conhecer o trabalho episcopaliano no Brasil. Sua revd.^{ma} pronunciou um bem arquitetado sermão que ficou devidamente gravado em todos aqueles que tiveram a honra de ouvi-lo. Ainda mais, o revd.^{mo} D. Luís Pereira foi quem inaugurou a pia baptismal, oferecida pelos episcopalianos portugueses, baptizando uma criança e um adulto.

Revd.^{mo} D. Luís C. Rodrigues Pereira Visita o Brasil

Do nosso correspondente

Encontra-se no Brasil, atendendo o convite oficial da IEB, o revd.^{mo} D. Luís C. Rodrigues Pereira, bispo da Igreja Lusitana Católica, Apostólica, Evangélica. Sua revd.^{ma}, foi homenageado com uma recepção na residência do revd.^{mo} D. Edmund K. Sherrill, com a presença de todo o clero residente nos Estados de Guanabara e Rio de Janeiro. Foi uma noite feliz e alegre, pois foi possível aos presentes falar a respeito das Igrejas de Portugal e do Brasil. No Estado de Guanabara, o bispo Pereira pronunciou importantíssimos sermões na Missão de S. Lucas. Igreja do Redentor, e Igreja da SS. Trindade. Em companhia do revd.^{mo} D. Edmund Sherrill visitou, em Petrópolis, a Igreja de Santo Estevão e a Cidade de Meninos S. Paulo Apóstolo. Do estado de Guanabara viajou de avião para S. Paulo e dali para Brasília, a fim de participar na inauguração da Igreja da Ressurreição. De Brasília, em companhia dos bispos Simões e Kruschke, partiu para o Rio Grande do Sul a fim de visitar as duas dioceses ali existentes.

O bispo Pereira tem conferenciado com os bispos brasileiros, tratando de assuntos pertinentes às Igrejas do Brasil e de Portugal, firmando assim mais os elos que unem os episcopalianos portugueses e brasileiros.

O ilustrado Prelado da Igreja Lusitana, ora em visita ao Brasil, soube conquistar a amizade e a simpatia de toda a Igreja Episcopal Brasileira.

Espera-se também que, dentro em breve, um clérigo da Igreja Lusitana possa passar uma temporada no Brasil, a fim de poder reforçar mais o sentimento de companheirismo entre os clérigos dessas duas Igrejas.



Clero e coro que assistiram à dedicação de novo Templo em Brasília

A Renascença Portuguesa em Goa, há Quatro Séculos

Conferência proferida na Catedral de S. Paulo, pelo rev. cônego Eduardo H. Moreira, no Círculo Alexandre Herculano

Eis a razão deste tema múltiplo: Goa; Garcia de Orta; a Renascença e o contributo português.

Goa só deixará de ser nossa por um genocídio integral — a «paz de Varsóvia». Mesmo assim a Goa histórica perdurará, pois seria impossível destruir os arquivos mundiais.

Neru tenta pôr um ponto final aos atentados sucessivos constituídos pelas Concordatas com a Santa Sé, nas quais a influência legal, eclesiástica, de Portugal no Oriente foi gradualmente cerceada, devido a pressão das Cortes estrangeiras sobre o Vaticano.

Como se deveria ter resolvido o problema político da Índia Portuguesa: como Ceuta, Oliveira, o Ulster, Gibraltar, e todos os territórios controversos entre Alemanha e Polónia, Itália e França, Itália e Jugoslávia? Já o disse noutra lugar. Tornando-os centros de intercultura internacional. Utopia por agora...

Nesta comemoração adiantamos alguns meses à celebração quadricentenária da publicação dos «Colóquios» de Garcia de Orta porque desejamos que desde já se compreenda a sua altura e grandeza.

Não desejaria discutir com os mestres o título de «Renascença», em vez de «Renascimento»; mas seja-me permitido dizer por que optei por aquele. Há no termo a partícula frequentativa aposta a «nascença» e «nascimento». Ora na nossa língua «nascença» é um facto natural: «chorou o menino à nascença»; e «nascimento» o facto social: «fez-se o registo de nascimento». Impossível trocar os termos. Logo parece que «Renascença» é o fenómeno histórico, digamos fatal, para o qual não há fronteiras e se não pode conter em compartimentos estanques.

A Renascença artística pode bem situar-se na 1.ª Renascença Italiana, no século XIV. Dessa ma-

neira, a tomada de Constantinopla pelos Turcos de Mafoma V, em 1453, só veio dar-lhe grande expansão. Os mestres gregos fugidos para o Ocidente trouxeram marcado *renascimento* às artes e letras; mas a ida dos Portugueses ao Oriente abriu os olhos à erudição livresca, que se repetia desde os Gregos e através dos Árabes, gasta e «ultrapassada», como se diz agora.

Entretanto a Renascença científica tem seus primórdios nas obras dos viajantes portugueses, nas quais se refizeram os dados que, de A. para A., se haviam repetido, quase sem crítica pessoal. É de 10 de Abril de 1563 a publicação dos «Colóquios dos Simples e Drogas e cousas medicinais da Índia», de Garcia de Orta, médico e naturalista famoso, luso-hebreu nascido em Elvas pelos anos de 1490 e que para a Índia partira, na armada de Martim Afonso de Sousa, em 1534, com o título de físico-mor de El-Rei. Esta obra foi vertida então em latim (abreviadamente) e do latim em francês e italiano. O conde de Ficalho publicou em 1891 uma edição crítica, primorosa, e em excelente introdução refere uma edição anterior, de Varnhagen, de 1872, feita em condições precárias. Referindo um erro grosseiro aí cometido, decerto sem culpa do sábio editor, diz que «as cinzas de Garcia de Orta estremeçeriam no seu túmulo se pudessem saber que lhe atribuíam um erro desta ordem...». Há aqui um equívoco, pois a Inquisição de Goa, faltando-lhe tempo para queimar o A. em vida, exumou-lhe aí por 1570 os ossos para os cremar e espalhar ao vento, devido à sua estirpe hebraica...

Aqui se vislumbra a luta da luz com as trevas, tanto em Lisboa, Évora, Coimbra, como em Goa, que era já província portuguesa, sujeita às mesmas vicissitudes, entre elas a «doença do Santo Ofício».

As obras renascentistas continuaram durante algum tempo. Os próprios «Lusiadas» foram sujeitos a cortes, e uma edição clandestina, reprodução da primeira, correu no País. Ainda hoje existem exemplares de ambas, uma com o pelicano a olhar para a direita e outra a olhar para a esquerda, devido à reprodução gráfica. E esse olhar para um lado e outro, na edição oficial e na clandestina, parece-me ilustrar a atitude medrosa e vigilante que por séculos ia ser a nossa.

Aparecem o «Esmeraldo de situ orbis», de Duarte Pacheco Pereira, que ficou em meio no ms. e deve ser dos anos de 1500; e o «Livro de Marinheiria» de João de Lisboa, escrito pelo mesmo tempo. Um pouco mais tarde, o «Tratado da Esfera», do notável matemático luso-hebreu Pedro Nunes, é de 1537. Este é outro grande nome a honrar os Portugueses de extracção israelita, como Pero da Covilhã, que em 1487 fora enviado às terras orientais por D. João II.

Haviam sido judeus portugueses os economistas e os médicos dos reis borgonheses; e a dinastia de Avis com eles se encontrou e deles se serviu para realizar todo o seu plano de progresso nacional. E' notável o que se passou com Abraão ben Samuel Zacuta, sábio astrónomo e historiador salmantino, que, fugido à Inquisição espanhola em 1478, fixou residência em Lisboa, e em 1496 aqui publicava o «Almanaque Perpétuo». Passado um século, outro Zacuto, nascido em Lisboa, em 1575, fugiria para Amesterdão onde exerceu medicina até 1642, com muito maior proveito para a Humanidade do que se deixasse queimar em holocausto a um Deus de bondade e amor. Muito nos ensina o intervalo entre os dois Zacutos!

Impressionou-me na minha mocidade uma conferência do prof. Silva Teles na Sociedade de Geografia, sobre o «Infante D. Henrique e a Renascença Científica na Europa». O Infante, que ainda há pouco foi devidamente celebrado é de facto, por virtude própria e mercê das circunstâncias, a figura central desse movimento. E, de 1415 a tomada de Ceuta, 35 anos antes da data, um tanto incerta, da impressão da Bíblia por Guttenberg, e 38 anos antes da conquista de Constantinopla a que já me referi, facto que é costume fazer coincidir com o termo da Idade

Média (designação aliás artificial como demonstrou num erudito estudo o prof. Cerejeira, actual Patriarca de Lisboa). As nossas ilhas foram sendo desvendadas entre 1418 e 1453, e data-se de 1434 o fim das lendas do Mar Tenebroso, quando se dobrou o Cabo Bojador. Tudo isto terá levado o papa Nicolau V a expedir a bula de 1454, ano seguinte à perda de Constantinopla, que traduziu o reconhecimento, digamos, europeu ou ocidental, dos direitos de Portugal ao surto civilizador que iniciara muito antes com o redescobrimento das Canárias, as antigas Afortunadas, no longínquo reinado de D. Afonso IV.

Agora, reiniciadas as viagens de achamento, como se dizia no nosso bom vernáculo, foram os descendentes de judeus portugueses, de nobre estirpe «sefardim», os pilotos das armadas. Convém aqui citar a autoridade de Brito Rebelo, na introdução ao «Livro de Marinharia» de João de Lisboa (a páginas XVII): «... ainda que Portugal estava livre da dominação muçulmana na maior parte das terras (refere-se ao século XIII) tanto do litoral como do sertão, se conservam as comunas de mouros e judeus, que se comunicavam e tratavam com os seus parentes e correligionários do Algarve de Além». E' evidente dedução das crónicas que não só no Norte de África, «Algarve de Além», mas até ao remoto Oriente chegou, por esses parentes e correligionários, a língua e o pensamento português, e a suficiente simpatia que os pôs ao serviço da «Nação» distante. «Nação» era então termo judaico e a judeus atribuído.

Temos hoje de lutar com o sigilo oficial imposto pelos reis e as apologias officiosas dos cronistas, aliás excelentes patriotas, para fazer história tendente à objectividade. Contudo os documentos foram surgindo aos olhos dos críticos conscientes da sua função. Até cortesãos de D. Carlos I, com os Condes de Sabugosa e de Ficalho, nos deixaram obras que ainda hoje são actuais, pela probidade e a elegância. Do Conde de Ficalho aqui nos socorremos: «Garcia de Orta e o seu tempo», Lisboa, 1886 e «Pero da Covilhã», Lisboa, 1898.

Os «sefardim», quero repetir, eram tão portugueses como os herdeiros dos misteriosos aborígenes, dos fenícios, dos romanos,

dos baltas de vária condição, desde os alanos e suevos aos visigodos. Afinal, o Mundo é dos homens, sem que importe a côr da pele, a crença ou a formação mental.

O judeu lidava mais vezes com o ouro do que com o ferro, devido às lições recebidas desde os «pogroms» dos visigodos. Homens de paz, não viam ainda chegada a era anunciada pelo profeta em que as armas de guerra se transformariam em alfaías agrícolas; por isso não cultivavam a terra que teriam de deixar em qualquer tempo; e mesmo no recôndito dos seus lares (até ao dia de hoje!) oravam a Adonai pelo regresso a Jerusalém, na sua geração. Estou em crer que o conteúdo sentimental desta palavra «saudade», é hebraico, apesar dela ser a aglutinação vocabular de três termos latinos, como nos ensina Carolina Michaelis. Homens de paz, mais do que de guerra, lidavam menos com o ferro; mas com o seu ouro financiaram as guerras da reconquista, contra o Mouro dominador, quando o fanatismo de Almorávidas e de Almóadas lhes fizera perder o prestígio de que o Califado de Córdova tinha gozado,

E' impossível, numa escassa hora, recordar a jornada dolorosa dos judeus das Espanhas, com os nossos encurralados no Paço dos Estados, em fins do século XV, e forçados a aceitar o Catolicismo reinante ou a fugir com o que pudessem levar, do produto do seu trabalho. Samuel Usque deixou-nos um livro admirável, de saudade e piedade, que é porventura a única obra genuinamente mística, ao lado dos moralistas cristãos Frei Amador Arrais e Frei Heitor Pinto e mesmo da obra tão piedosa de Frei Tomé de Jesus.

Entretanto, como obra de ciência directa avultam os «Colóquios» de Garcia de Orta, o amigo de Camões, que muito se esforçou pela publicação da obra e para ela escreveu uma ode na qual joga com o apelido de Orta e a botânica a que especialmente ele se dedicou, e lhe valeu, da parte do povo chocarreiro, a alcunha de «o Ervas». O nosso Épico, que condensou nos «Lusíadas» toda a ciência tradicional — e até, segundo alguns, profetizou descobrimentos da ciência póstera, era um *cristão velho*. O grande sábio

português que se não foi o primeiro foi dos primeiros a registar nos «Colóquios» ciência nova, de observação directa, marca indelével da Renascença científica, era um *cristão novo*. Que significação tem esta nomenclatura? Puro racismo criado pela intolerância, doença religiosa, não religião pura, tal como a filoxera não é a videira, nem a seara tem culpa do joio que a estraga. O povo português lhe ficou indiferente. Invejados foram por alguns, os judeus ricos, decerto. Medo tiveram, muitos judeus cristãos, de arderem na fogueira, sem dúvida. Por isso houve milhares de cristojudeus, cujos descendentes vivem entre nós, restando ainda entre eles orações manuscritas, copiadas e recopiadas desde há um ou dois séculos, algumas das quais, com profundo respeito e simpatia, eu li no seu cursivo amarelado. Muitas foram publicadas pelo eng. Samuel Schwarz, no livro «Os Cristãos Novos em Portugal no Século XX».

O facto é que houve uma extraordinária persistência dos chamados «Maranos» nesta terra onde tanta semelhança encontravam, com as reminiscências que por tradição possuíam da Palestina longínqua, terra de vides, oliveiras e figueiras, de amendoeiras e alfarroba...

A Inquisição do século XVI em Portugal, já ficou dito, foi empresa estrangeira cujos candidatos e familiares tinham de provar documentalmente não terem qualquer gota de sangue mourisco, judeu ou africano. O mesmo sucedia em ordens religiosas. Puro racismo, repito, que a alma portuguesa repudiou. Aparentemente criada para combater a Reforma Religiosa, a Inquisição foi de facto, principalmente, espoliadora dos bens dos judeus. Era uma mutilação ética de Portugal, e foi uma sangria démica, pela fuga de muitos dos mais novos, hábeis, prestos ou prudentes, da «gente de Nação» como foram chamados; fuga que resultou em benefício da economia holandesa, francesa e britânica. As duas faces que a Contra-Reforma nos apresenta são a epidemia do medo, com suas crises periódicas e seus rompimentos temerários, e a endemia da intriga e da denúncia, de que lentamente nos vamos libertando. Diga-se entretanto que o x. v. e o x. n. que até ao Governo de Pombal marcava

O Pentecostes e a Igreja

(Continuação da pág. 3)

que o Pentecostes dá, e estareis apenas ornamentando um cadáver. Até que este facto sagrado se dê, a pregação é simples prelecção; a oração é apenas repetição de fórmulas; o culto deixa de ser culto — tudo não passa de actividade terrena, circunscrita, inadequada, morta».

Queixamo-nos, por vezes, de falta de recursos, falta de homens vocacionados e devidamente preparados para as tarefas da Igreja. Falta-nos tanta coisa...

Não pretendo minimizar as nossas necessidades que são reais; todavia não será a nossa maior necessidade a falta do poder do Espírito? Se reconhecemos ser esta a nossa maior necessidade e se sabemos como supri-la, sigamos, então, a exortação do Apóstolo: Enchamo-nos do Espírito (Ef. 5. 18-21), porque o Espírito testificará de Cristo, e nós também testificaremos (João 15. 26, 27).

Saul de Sousa

A Renascença Portuguesa em Goa, há quatro séculos

os Portugueses nos actos públicos e ele aboliu, desapareceu para honra nossa; e cristãos novos e velhos, assim como judeus e cristãos, vivem em boa sociedade. E ninguém pode dizer se não lhe corre nas veias sangue semita, pois até nas famílias nobres o sangue hebraico entrou visto que outrora judeus ricos, por natural prudência, deram filhas em casamento, (nunca varões) a fidalgos da mais velha estirpe. E hoje Portugal metropolitano e ultramarino é por lei um só, e o povo, pelo seu senso comum, corresponde nobremente à Lei que a todos nos iguala.

Eduardo Moreira

PELA IGREJA

(Continuação da pág. 12)

Isita Barbosa Costa	»	100\$00
Uma irmã na Fé	»	20\$00
Rev.º bispo Henry Shervill (Doll. \$100)	»	2.850\$00
Paróquia de «S. Michael and all angels» Baltimore, U. S. A. (Doll. \$25)	»	712\$00
Paróquia do Salvador do Mundo (Prado)	»	625\$00
Paróquia do Bom Pastor (Candal)	»	500\$00
Donald Lopes (2.º donativo) (Doll. \$10)	»	284\$80
Mrs. J. A. Westphal, U. S. A. (em memória de sua avó Mrs. W. M. Wimbish e em acção de Graças pelos seus pais Mr. e Mrs. Mr. e Mrs. Forreste E. Wimbish (Doll. \$25)	»	714\$00
Rev. Francisco Venâncio de Oliveira	»	500\$00
Alberto Joaquim da Fonseca Rato	»	250\$00
Dr. Ernesto Moreira	»	250\$00
Bento Duarte	»	100\$00
Lázaro Duarte Correia	»	100\$00
Maria Idalina Palmela Duarte Correia	»	60\$00
António José Correia	»	20\$00
Margarida Figueiredo Paulino	»	200\$00
Saldo do «Fundo da Igreja» de Alcácer-do-Sal para a compra do terreno	»	1.233\$00
Harrison Warrender (Doll. \$20)	»	571\$20
Mm casal agradecido pela sua conversão na Igreja Lusitana	»	100\$00
General Timperman e esposa	»	100\$00
Joaquim Pina Cabral (em memória de seu pai José de Pina Cabral)	»	500\$00
Bárbara Vail	»	526\$00
Cândido Curto	»	30\$00
Piedade Rodrigues dos Santos	»	20\$00
Rev. Manuel Sousa Campos	»	500\$00
Venda de postais nas diferentes paróquias, até ao presente.	»	286\$00
Margarida da Rosa (\$5.00)	»	143\$00
Raquel O'Hearn (\$5.00)	»	143\$00
Seminário Teológico Presbiteriano de Carcavelos (professores, alunos e pessoal)	»	918\$00
Membro da Paróquia de S. João Evangelista	»	120\$00
Foreste Wimbish (U. S. \$350.00)	»	10.048\$50
Vera Pennington e outros membros da Paróquia «St. Michael and All Angels» Baltimore, U. S. A. (Doll. \$36.00)	»	1.030\$50
Mrs. W. R. Wimbish (£ 3.10.3)	»	281\$00
Acção Social da Igreja de Doroley, Hallington (Inglaterra (£ 3. 10)	»	280\$50
Paróquia de Dawley — Inglaterra	»	2 000\$00
Paróquia da Igreja do Redentor — Porto	»	232\$50
Floss e Hass Warrender (\$10.00)	»	285\$40
Bárbara Vail (\$5.00)	»	142\$70
Em memória do rev. Pereira Martins e sua esposa	»	100\$00
Em memória do Evangelista Ferreira Martins e D. Mónica Teles, colunas da Igreja do Espírito Santo — Setúbal	»	100\$00
Virgínia do Carmo	»	5\$00
Manuel de Matos, da Igreja Presbiteriana do Bebedouro	»	20\$00
De Fundos especiais do Sínodo	»	100.000\$00
Maria Arminda Loja	»	30\$00
Isita da Silva B. de Castro	»	500\$00
William West (\$10.00)	»	285\$00
Alberto Rato	»	250\$00
Mr. e Mrs. Wimbish	»	715\$00
London College of Divinity (£ 31.12.6)	»	2.530\$00
António J. Correia Duarte	»	10\$00
Paróquia de S. Mateus	»	433\$10
Miss Doris Bushby (£ 2.0.0)	»	160\$00
Anónimo (Alcácer)	»	20\$00
Anónimo (Alcácer) entregue ao dr. L. P. Idalina Duarte	»	100\$00
Idalina Duarte	»	60\$00
Conselho Nacional das Igrejas do Canadá	»	13.270\$00
Joaquim de Pina Cabral (oferta do altar)	»	1.700\$00
D. Ana Pina Cabral (oferta do púlpito)	»	700\$00
Anónimo (entregue ao dr. L. P.)	»	300\$00
Alberto Joaquim Fonseca Rato	»	300\$00
D. Ana Pina Cabral	»	300\$00

227.038\$30

Sermões de 5 minutos

«E foram vistas por eles línguas reparadas, como de fogo, que pousaram sobre cada um deles». (Actos 1, 3)

A PAZ DE DEUS SEJA CONVOSCO.

Depois da festa da Páscoa, comemorativa da saída do povo de Israel da terra do Egipto, a do Pentecostes era a mais antiga. O seu principal fim era levar o povo ao tabernáculo, fazendo-se acompanhar das suas ofertas. Esta festa era também um incentivo patriótico para o povo de Israel porque, por meio dela, se celebrava a promulgação da Lei no monte Sinai no 50.º dia, da partida do Egipto. Foi no dia em que se celebrava esta festa, que o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos, sendo curioso notar que precisamente nesse dia fazia cinquenta dias que Jesus tinha ressuscitado. A Igreja Cristã comemora, portanto, no dia de Pentecostes a sua organização. Ela já existia antes da descida do Espírito Santo porque Jesus foi simultaneamente seu fundador e seu fundamento. Em muitas passagens da Escritura lemos que Jesus é a pedra principal da Igreja. Ela está, pois, firme nos alicerces do amor, do perdão e da santidade. Era necessário levantar o grande edifício para o qual doze pedras estavam no seu lugar. Dentro do edifício de pedra onde os doze Apóstolos estavam reunidos, se formaria outro edifício de natureza divina que seria mais resistente do que a própria pedra. Eu penso, às vezes, que o Espírito Santo não desceria, se ao número dos Apóstolos faltasse um só que fosse. E parece que eles próprios também pensaram o mesmo, porque tiveram o cuidado de nomear um para o lugar de Judas. E uma vez unidos, o Espírito Santo, desceu sobre cada um deles. Reparai nesta expressão: «Cada um deles». Não desceu sobre todos ao mesmo tempo, mas sobre cada um por sua vez. Logo, como não podia deixar de ser, foram todos cheios desse dom divino.

Cada um deles esta expressão acentua bem o facto de que o dom extraordinário do Espírito Santo é pessoal. Cada crente tem de, pessoalmente, o experimentar para poder ser um elemento da sua

acção poderosa e renovadora. A Bíblia só diz que foram todos cheios do Espírito Santo, depois de cada um o ter recebido. A palavra «todos» é mais vaga e menos definida do que as palavras «cada um». Sentir ou experimentar o amor de Deus pela própria experiência pessoal produz maior gozo e alegria do que pela experiência alheia. É grande a diferença entre as frases «aconteceu comigo» e «ouvi dizer» ou «contaram-me». Uma réstea de sol que me aquece, tem mais sabor que todo o sol que aquece os outros. Na organização da Igreja o fogo desempenhou papel muito importante. Desceram línguas de fogo sobre os Apóstolos que deram às suas línguas a capacidade invulgar de falar os idiomas de todos os forasteiros que se encontravam em Jerusalém para tomar parte na festa. Muitos holocaustos se ofereciam no dia de Pentecostes. O holocausto era o sacrificio em que a vítima era inteiramente queimada e figurativamente é a renúncia completa e voluntária de qualquer coisa.

Muitas pessoas perguntam por que se não repete o milagre de Pentecostes. Queremos nós melhor milagre do que o que se verifica pela acção que a Sociedade Bíblica desenvolve, sem cessar, para que ninguém no orbe terrestre, deixe de conhecer as Boas Novas da Salvação? O fogo que foi necessário à organização da Igreja, é também necessário para a sua vida e mesmo para a sua disciplina e ordem. Logo após a descida do Espírito Santo, os Apóstolos pugnando pela ordem, essa força suave que mantém os homens em harmonia, reunem em Jerusalém o 1.º concílio para decidir sobre o caso da circuncisão, das carnes sacrificadas aos ídolos e outros pontos sobre os quais surgiriam divergências.

O fogo, anima a Igreja e conforta as almas. Assim como um lar não pode passar sem fogo, também a Igreja, qual lar comum

a todos os crentes, não pode passar sem ele. Diz a mitologia que Prometeu, deus ou génio do fogo, depois de formar o homem com o limo da terra, roubou para o ANIMAR, o fogo do céu. A Igreja não será animada com o fogo roubado por Prometeu, mas sim com o fogo que Jesus prometeu enviar e cuja promessa cumpriu no dia de Pentecostes. A Igreja sem o fogo do amor, da fé e da consagração será uma Igreja sem calor, e, conseqüentemente sem vida e entusiasmo. Feliz é a Igreja em cujos membros arde a chama da fé e do amor fraternal; feliz é a Igreja cujos membros se lembram dos seus pastores, como exorta S. Paulo na Ep. aos Heb. 13. 7, não para os censurar ou criticar, mas para os ajudar com a sua simpatia na árdua missão a seu cargo. Rica é a Igreja cujos membros, embora pobres, nunca se esquecem de que o pastor é, na expressão do apocalipse, o castiçal que alumia e para o qual deve prover os meios de ele estar sempre aceso. Feliz é a Igreja cujo membro pobre dá pouco e o rico dá muito, atitudes estas tantas vezes verificadas na posição oposta. Feliz é a Igreja para quem o pastor é pai e para o qual os membros são filhos. Esta é a Igreja que pode resolver todos os problemas, seja qual for o aspecto sob que eles se apresentem.

EDITORIAL

(Continuação da pág. 1)

por mais estranho que isso nos pareça, pelo aspecto inconformista alitérgico e «independente» com que algumas querem apresentar-se. «Quem não é contra nós é por nós» — respondeu Cristo aos que denunciavam aqueles que andavam pregando e curando os enfermos sem pertencerem ao «grupo». Por que tomar então uma atitude de negação perante muitos dos nossos irmãos que estão em outros «grupos», mas têm a mesma Fé?

A luta pela unidade dos que se confessam cristãos e pertencem à Igreja Una, Santa e Apostólica, continua em todo o Mundo. Que se vençam as dificuldades. Que se destruam os preconceitos. Que os homens se amem cada vez mais.

PELA IGREJA

Notícias do Brasil

O rev. cónego Sírio Joel de Moraes, da Catedral do Mediador, na cidade de Sta. Maria, e seu filho sr. Oine de Moraes, dedicado leigo daquela Paróquia, contribuíram, respectivamente, com 3.300 cruzeiros e 2.500 cruzeiros para o fundo de construção da Igreja de Cristo Remidor.

Notícias de Portugal

Novo Médico

Completo a sua licenciatura em medicina, o nosso irmão, da Paróquia do Bom Pastor, sr. dr. Manuel António Couto da Silva Cruz, filho e neto de fiéis membros daquela Paróquia. Dissertou o nosso querido dr. Silva Cruz sobre «História da Anatomia Patológica», obtendo a subida classificação de 18 valores na sua brilhante prova.

O Despertar tem grande prazer em dar esta notícia, desejando-lhe as maiores bênçãos do Céu.

2.ª Convenção Portuguesa de Esforço Cristão

Promovida pela União Portuguesa de Esforço Cristão, realizar-se-á, querendo Deus, de 29 de Agosto a 1 de Setembro de 1963, no Norte, a 2.ª Convenção de Esforço Cristão conjuntamente com a Conferência anual da União Mundial de Esforço Cristão, devido à qual se deslocarão a Portugal os membros do Comité daquela União e muitos outros elementos de grande relevo da Igreja Cristã em diversos países.

União das Escolas Dominicais do Norte de Portugal

Promovido pela União das Escolas Dominicais do Norte de Portugal (UEDNOP) está já funcionando o Instituto de Educação Cristã, dirigido pela ex.ª sr.ª D. Maria Alice Evangelista, do Seminário de Carcavelos. Este Instituto funciona uma vez por mês, durante seis meses, alternadamente, no Porto e em Gaia. A primeira vez foi na igreja Metodista do Mirante, e a segunda na igreja de S. João Evangelista. O seu fim visa a instrução dos professores das Escolas Dominicais e todos os crentes que se interessam pela obra da educação cristã. A professora, pelo seu método de ensino, competência e personalidade, conquistou sincera amizade e simpatia de todos os que têm assistido às aulas.

Literatura Económica

O «CLEN» CENTRO DE LITERATURA EVANGÉLICA DO NORTE, põe à disposição do público os melhores livros evangélicos que possui publicados no Brasil e em Portugal.

Para saber quais os livros que pode comprar ou adquirir gratuitamente, queira dirigir-se ao «CLEN» — Fontainhas — S. João da Madeira.

Aproveite a oportunidade!

Notícias Paroquiais

Paróquia de S. João Evangelista

V. N. de Gaia

Pelo revd.º bispo D. Luís Pereira, foi instituído Pregador Leigo, o sr. Francisco

Mário Varela da Silva, o qual já há anos, com bastante dedicação e eficiência, exercia o cargo de leitor leigo.

A Campanha Financeira iniciada como resultado do apelo da Junta, por zelosas Senhoras da igreja em Maio de 1961, continua com grande entusiasmo e interesse. Graças a esta Campanha já foi possível realizar as obras, tão necessárias no Salão social e nas casas do património paroquial, assim como um jardim no terreno em frente da igreja, estando prestes a iniciar-se as da União Feminina e da caiação dos muros da Avenida Marechal Carmona. Por decisão da Junta da igreja deverá proceder-se, logo que seja possível, às obras da construção da parte do transepto que falta na igreja para esta ter a forma de cruz.

Foi também aberto pela Junta da igreja um fundo especial para a construção duma capela em Valbom, Concelho de Gondomar, onde existe a Missão de S. Tiago Apóstolo e a qual sofreu recentemente obras de limpeza e asseio. Para este fundo especial já tem a Junta recebido alguns donativos os quais, com a verba da mesma, atribuída em 1962, prefazem a quantia de oito mil e quinhentos escudos.

Catedral de S. Paulo Lisboa

Obras:

Continuam as obras, pelo que esperamos brevemente se possa inaugurar a sua sacristia, o gabinete de ministros e as capelas de S. Barnabé e de S. Lucas. A abertura do coro, projectada há bastante tempo, só pode ser efectuada para o próximo ano. Espera-se o auxílio dos membros da igreja para a execução das obras.

Feira do Livro

Por iniciativa da Sociedade de Senhoras, realizou-se uma feira do livro no

Salão Social da igreja, tendo sido muito visitada e constituindo um êxito apreciável. Esperamos que o mesmo se possa repetir no próximo ano.

Paróquia de S. Mateus Vila Franca de Xira

Confirmações

Na noite de 13 para 14 de Abril p. p., cerca das 24 horas, durante a Vigília Pascal, foram confirmados, por sua excelência reverendíssima, D. Luís C. Rodrigues Pereira, 7 novos catecúmenos, que nessa noite fizeram também a sua primeira Comunhão.

Instituição ao Diaconato

No domingo dia 21 do mesmo mês de Abril, pelas 11 horas, à celebração da sagrada Eucaristia, foi instituído na sagrada Ordem de diácono, o sr. Octávio Guedes Coelho. O sermão esteve a cargo do rev. dr. Daniel de Pina Cabral. Presidiu e celebrou o revd.º bispo diocesano.

Ao rev. Guedes Coelho, deseja o Despertar um ministério ricamente abençoado.

Festas das Mães e do Trabalho

Nos dias 12 e 22 de Maio p. p.; teve lugar, respectivamente, na igreja e na capela de S. Tomé, a Festa das Mães, com sermão e programa próprios.

E no dia 19 do mesmo mês celebrou-se a Festa do Trabalho. Deu o seu testemunho da maneira como Deus tem usado a sua vida profissional, o sr. Fernando Gomes dos Santos.

Ocupou o púlpito o diácono-eleito e ilustre médico, sr. dr. Ayres Serrano e Silva, que discorreu magistralmente sobre as palavras de S. Paulo: «Quem não quiser trabalhar, não coma também».

Paróquia de Cristo Remidor Alcácer-do-Sal

Alcácer-do-Sal continua jubilosa pela inauguração do seu templo. A frequência aos cultos aumenta sensivelmente, o que demonstra o interesse da sua população pelo Evangelho.

Como dissemos no último número estamos pagando a dívida contraída, e para o seu cumprimento continuamos a aceitar donativos.

Publicamos hoje a lista completa dos nossos benfeitores, lista aliás, que foi publicada aos poucos e poucos nos números anteriores. A estes nossos subscritores nos referíamos, quando na notícia da Dedicção, dada em Março, no nosso jornal, dissemos: «Devem sentir uma alegria consciente e edificante todos os que de forma generosa e pronta contribuíram para a obra da expansão da Igreja, obra que assim pode também ser considerada como sua».

Ei-los, pois! E que Deus os abençoe.

Subscrições:

Fundo existente.	Esc.	75.527\$00
Leopoldo de Figueiredo.	»	1.000\$00
Miss Bushby	»	80\$00
Donald Lopes II (Doll. \$35)	»	997\$50
Revd.º bispo Powell (Doll. \$25)	»	712\$50
Manuel Menezes	»	20\$00

(Continua na pág. 10)